

# Cauteloso, o varejo prefere esperar pelo segundo semestre.

A cautela em relação à retomada das atividades econômicas é redobrada no setor de varejo. Na avaliação de vários empresários, a recuperação efetiva do mercado só deverá ocorrer no segundo semestre, à medida que os cruzados retidos forem liberados e os salários de algumas categorias reajustados. Para o presidente da Federação do Comércio de São Paulo, Abraham Szajman, a retomada de vendas em maio foi temporária, provocada pelo Dia das Mães. Mas as vendas voltaram a esfriar em seguida, já registrando uma queda de 6% a 7% em maio, comparadas com maio de 90.

Segundo dados da Associação das Empresas de Crédito ao Consumidor (Adecif), a demanda por crédito em maio caiu cerca de 15% em relação ao mesmo mês do ano anterior e a taxa de inadimplência dos clientes das financeiras, que historicamente girava em torno de 2,5%, está em 5%. O vice-presidente da entidade, Pedro Calcado, diz que a queda acentuou-se na segunda quinzena de maio, com o início do descongelamento, que provocou alta nos alimentos e consequente queda da demanda de outros produtos. Além disso, as taxas de juros para o crédito ao consumidor estão muito altas, em média 25% ao mês.

"Se não houver dinheiro no mercado, a economia continuará parada, em função do grande número de desempregados e do achatamento salarial", diz Oscar Bonilha, diretor do Mappin. Nas lojas de departamento as vendas caíram em abril 16,71% em relação a março e 21,60% sobre abril do ano passado.

Na avaliação de Szajman, uma melhoria nas vendas só deverá ocorrer em setembro. O único setor que vem experimentando uma reação nos negócios é o de eletrodomésticos. De resto o que ocorre é uma recomposição parcial dos estoques, "o que não quer dizer que haja vendas ao consumidor", afirma Bonilha, do Mappin.

Embora também não considere os atuais níveis de vendas excepcionais, Marcel Solimeo, economista da Associação Commercial de São Paulo, tem opinião diferente e é taxativo em afirmar que "o quadro de recessão já se reverteu". Ele se baseia nos dados diários de consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e o Telecheque, que refletem uma melhora este mês em relação a maio do ano passado. Até o dia 27 realizaram-se 707.536 consultas ao SPC contra 701.072 no ano passado e no Telecheque foram de 770.616 enquanto em 90, no mesmo período, elas eram de 740.002.